

À MEMÓRIA DE KAZANTZAKIS, E A QUANTOS FIZERAM O FILME “ZORBA THE GREEK”

Isabel Almeida*

“Toda a poesia é circunstancial”, afirmou Jorge de Sena, em “Isto não é um prefácio” de *Peregrinatio ad loca infecta* (1969). “Circunstanciais” – insistia – eram os textos ali reunidos, “no sentido de terem sido suscitados por e dirigidos contra acontecimentos notórios, ou no de terem tomado alguns escritores como pretexto de existirem.” A esta luz, lemos melhor “À memória de Kazantzakis, e a quantos fizeram o filme “Zorba the greek”” – decerto um dos poemas “amáveis” anunciados com ironia no subtítulo do livro.

Sena assumiu sempre a “agressividade” ou até a “violência” de muita da sua escrita. Por isso mais significativa resulta a moderação observável em “À memória de Kazantzakis”. Toda a primeira estrofe se desenvolve como uma hábil teia retórica – ou um exercício de dissimulação. Apontando um caso (“uma vez”) e distinguindo dois poetas, sem os nomear, como se buscasse uma neutra abstracção, Sena evita sugerir abismos: a potencial aspereza do imperativo usado na frase de abertura (“deixa os gregos em paz”) vem mitigada (“recomendou / [...] um poeta a outro”); e o que avulta é um ponto de vista superior, quase omnisciente – o ponto de vista de quem, apto a radiografar as posições em confronto, as atenua.

Importa perceber como: denunciando um equívoco (“Mas este poeta, o que falava / de gregos, não pensava neles ou na Grécia”); justificando uma atitude (“E o outro apenas detestava, / nesse falar de gregos [...] o que lhe parecia / traição à nossa vida amarga”). Pese embora a vantagem atribuída a uma das partes, tais gestos surpreendem, na obra de Sena, onde, por regra, amor é amor, ódio é ódio, fúria é fúria. Conceder que não há erro mas engano (“falava” – “não pensava”); admitir a subjectividade de um juízo (“o

que lhe parecia”), modalizar a recusa (“apenas detestava”), constituem formas de uma contenção rara no seu discurso. Percebe-se porque a adoptou aqui: no anónimo par de poetas, é fácil reconhecer uma projecção de Sophia de Mello Breyner Andresen (caricaturada no deslumbramento em face de “estátuas brancas” e da “beleza delas”, ou na “liberdade de adorá-las sem folha de parra”) e do próprio Sena, a quem quadrava o perfil de poeta avesso a “evasões” da “nossa vida amarga”. Se dúvidas restassem, a *Correspondência* dos dois autores bastaria para as dissipar.

Sena, que publicamente aclamou Sophia, incluindo, na entrada de *Peregrinatio*, a dedicatória com a qual em 1950 lhe enviara – amizade longa, já – *Pedra Filosofal*, guardou silêncio discreto sobre “À memória de Kazantzakis”... Notas acrescentadas na reedição de 1978 (*Poesia-III*) explicam a relação entre alguns textos e contextos. Sobre “Deixa os gregos em paz”, nem uma linha. Intensamente nítida e cuidadosamente velada ficava, pois, a representação de um diálogo com Sophia – um diálogo em que Jorge de Sena tudo fez para que lhe coubesse a última e decisiva palavra.

Repare-se: a evocação do romance de Kazantzakis ou do filme de Michael Cacoyannis integra uma construção argumentativa; vale como prova da tese que vai sendo enunciada. A partir da segunda estrofe, ressalta no texto uma expressão categórica, sentenciosa, que, sem consentir dúvida ou alternativa, é aplicada para evidenciar uma estupenda complexidade: a Grécia, e “mais que em Grécia Creta”, são o lugar do paradoxo; “Grécia nunca houve como / essa inventada nos compêndios”; a Grécia é uma estranha *coincidentia oppositorum*, “áspera doçura”, sordidez e pureza, claridade e negrume.

À Grécia aludem outros poemas de *Peregrinatio*, no registo orgiástico de “Pan-Eros”; na clave iconoclasta da “Homenagem à Grécia” ou da fantasia mitológica tecida “Em Creta, com o Minotauro”; na perspectiva céptica da “Glosa de Menandro”, de “To be or not to be” ou de “Deuses, quem mos dera...”. É especial, porém, “À memória de Kazantzakis”...: pelo *pathos* do fascínio; pela explícita convicção de que a Grécia – esta Grécia que,

radicalmente terrena, contém em si “o tom/ exacto de uma música divina” – somos “nós”.

Quando, por fim, o poeta ajusta a si a recomendação com que principiara o texto (“Deixemos, sim, em paz os gregos”), enfatiza, com a acuidade típica dos oxímoros, um vínculo essencial: “eles [os gregos] / divinamente são a guerra em nós”. E, ao advertir que “a vida é coisa que se ensina, / mas não se aprende. Apenas / pode ser dançada”; ao exaltar o “viver com fúria”, ao sabor de pulsões e paixões, o que Jorge de Sena defende e proclama – em sintonia com uma visão do mundo e um conceito de poesia e de arte – é uma ideia do sublime.

* Docente da Faculdade de Letras e membro do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Estuda a Literatura Portuguesa dos séculos XVI-XVII.